

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO EM HUBERT HENZ

Junior Lago*

Jean Rodrigo Pinheiro**

Resumo: O presente artigo tem a pretensão de ser o precursor de uma série de estudos sobre a pedagogia da educação. Partindo da máxima que reza ‘não se ama o que não se conhece’, procurar-se-á, desde o princípio, elaborar uma gama de conceitos presente nas acepções do conceito educar. A partir dessa introdução ao estudo em Hubert Henz, se tentará trazer elementos constitutivos de seu estudo, tais como a educação dentro da prática, a prática dentro da educação, a educação de valores e uma breve introdução à pesquisa pedagógica. Henz é um educador alemão do século XX, estudou educação, psicologia e filosofia em Würzburg e Munique. Sua obra “Manual de Pedagogia Sistemática”, caminha sobre o chão da tradição pedagógica de diversos, senão todos os escritores de cunho educacional. Com o presente artigo, procurou-se lograr de uma reflexão sobre ‘o que parece que queremos fazer quando educamos?’, ou seja, em outras palavras, qual a finalidade da educação humana. O autor trabalha em um esquema montado sobre duas realidades do termo finalidade: sendo como *télos* (τελος) e sendo como *enteléquia* (εντελεχεια). É importante, tanto quanto necessário, observar que o autor principia por falar da educação e terminará por falar do ensino.

Palavras-chave: Educação. *τελος*. *εντελεχεια*. Pedagogia.

Considerações iniciais

A partir da obra de Hubert Henz, “Manual de Pedagogia Sistemática” (1970), procurar-se-á trilhar o caminho proposto pelo autor no desvendamento da Finalidade Geral da Educação. Hubert caminha sob o chão da tradição pedagógica procurando chegar a uma síntese que englobe no seu bojo o conhecimento pedagógico bem como os resultados da filosofia dos valores, da filosofia existencial e da psicologia profunda.

Para tal estudo faz-se necessário observar que na Educação existe uma finalidade à qual o homem se dirige por vontade ou pelo fato de esta estar acima dele. Henz aponta que a finalidade “objetiva” da educação é Deus. E o fato de estar excluída a possibilidade de o

* Acadêmico do V semestre do curso de Filosofia da FAPAS. E-mail: lagojunior95@live.com.

** Acadêmico do V semestre do curso de Filosofia da FAPAS. E-mail: jean.rodriigo.p@hotmail.com

homem vir a ser Deus, implica pensar num fim “situacional”, ou seja, apenas um estar junto a Deus.

Porém, Deus não estando no espaço, a finalidade da educação parece se perder. Então, dessa forma, é preciso, não negando a premissa acima descrita, destacar a finalidade geral da educação inserida no tempo e no espaço.

Analisando algumas acepções da palavra Finalidade: a) ‘o andarilho que vai por um caminho em direção a um fim’; b) ‘o construtor que constrói visando o fim de determinada obra’; c) ‘o que o militar visa ao manusear uma arma’, o autor trabalha em um esquema montado sobre duas realidades do termo finalidade: sendo como *télos* ($\tau\epsilon\lambda\omicron\varsigma^1$) e sendo como *enteléquia* ($\epsilon\nu\tau\epsilon\lambda\epsilon\chi\epsilon\iota\alpha^2$). Segue, dessa forma, a evolução do pensamento proposto.

Aplicando o processo de analogia, em um primeiro momento, o autor utiliza o termo finalidade ($\tau\epsilon\lambda\omicron\varsigma$) de forma elevada, referindo-se a aspirações devidas de valores. Nesse momento se tem acepções que remetem à consciência, à atenção e ao uso inteligente dos meios.

Num segundo momento da utilização do processo de analogia, o autor obtém a conclusão de que a finalidade ($\epsilon\nu\tau\epsilon\lambda\epsilon\chi\epsilon\iota\alpha$) seja todos os movimentos e atividades que ocorrem por natureza (ex: instinto). Tem-se aqui o conceito de *enteléquia* como imanente aos movimentos. No entanto, insurge a necessidade de uma ligação a algo que não seja imanente (ex: consciência). Logo, o esclarecimento desta segunda analogia será justificado pela primeira, a qual se deverá ter em conta para esse estudo que se inicia.

1 A finalidade ($\epsilon\nu\tau\epsilon\lambda\epsilon\chi\epsilon\iota\alpha$) da educação

Elucidados os conceitos a serem utilizados sobre finalidade ($\tau\epsilon\lambda\omicron\varsigma$ e $\epsilon\nu\tau\epsilon\lambda\epsilon\chi\epsilon\iota\alpha$), observa-se a estrita relação da educação com as pessoas que a concebem e a visam (segunda analogia). Nesse sentido, a finalidade da educação é imanente e atuante no ser humano, em sua formação, mesmo que de forma não consciente.

¹ *Télos* ($\tau\epsilon\lambda\omicron\varsigma$): Segundo o dicionário de filosofia de José Ferrater Mora, o termo *télos* se refere a parte da filosofia que explica os fins últimos das coisas e a diferencia das filosofias naturalistas que se ocupam com as causas das coisas (MORA, 1986, v. 4, p. 3205).

² *Enteléquia* ($\epsilon\nu\tau\epsilon\lambda\epsilon\chi\epsilon\iota\alpha$): No dicionário de filosofia de José Ferrater Mora, o termo *enteléquia* mesmo apensar de ter se desviado em muitos aspectos de sua origem, mantém-se ainda uma acepção aristotélica: sendo a Realização Plena e Completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade natural, com a conclusão de um processo transformativo até então em curso em qualquer um dos seres animados e inanimados do universo (Apud, 1986, v.2, p. 944).

Assim sendo, para Hubert Henz, a finalidade (*τέλος*) não há de ser posta por homens, mas por algo que lhe é superior (Deus). No entanto, mesmo o *télos* estando em Deus, cabe ao homem estabelecer fins, conhecê-los e realizá-los em sua existência (*εντελεχεια*).

Ora, é sabido que a pessoa humana não é a causa de si mesma, não pode ela estabelecer em si sua finalidade. Esta é posta em si e, de modo geral, em toda pessoa humana, por algo maior que estes, estando nesse a causa última de todos aqueles. Nesse sentido, a condição do homem perante a educação é de reconhecê-la e realizá-la.

Henz traz um esclarecimento da hipótese da finalidade teleológica da educação e sua relação com o homem:

A educação torna-se assim tarefa e exigência para o homem. Nela, este se subordina às exigências de Deus, servindo à vontade divina. Dessa forma, poder-se-ia com razão definir a finalidade última de educação como ‘serviço de Deus’, e a finalidade mais restrita como ‘capacidade e disponibilidade de servir a Deus por amor’ ou ainda como ‘disposição para o serviço do reino de Deus’ (HENZ, 1970, p. 34).

Nesse sentido, em análise metafísica, a finalidade geral é o ser do homem, ou seja, a natureza humana. Não o homem dando a si próprio a causa, mas, dando-se a trabalhar para a construção em vista do fim (*εντελεχεια*). Ao humano a finalidade não é pelo homem, mas pelo reconhecimento, disposição e realização suma da educação tendo em vista seu *télos*.

1.1 A finalidade (*εντελεχεια*) consciente da educação

Até o momento, falou-se sobre uma finalidade teleológica da educação, esta não dependendo estritamente de uma atividade consciente do humano para a sua existência. Outrossim, é necessária, para a práxis educacional, a explanação de uma realidade consciente da finalidade da educação, que segundo Hubert Henz, o homem visa de uma forma imediata em atitudes, conhecimentos e habilidades.

Primeiramente podemos indagar dos adultos que educam crianças quais as finalidades que tem em vista. Seria tolice, bem entendido, identificar a consciência de suas finalidades estabelecidas atualmente pela média dos educadores. Elas resumem-se em atitudes, conhecimentos e aptidões ou habilidades (HENZ, 1970, p. 35).

Nesse sentido, percebe-se a indicação do autor a respeito do dito anteriormente com relação à segunda analogia, da correspondência imanente da educação (*εντελεχεια*) no homem, este sendo educado com algo concreto.

Por exemplo, às atitudes, tais como: cortesia, boas maneiras, compostura, amabilidade, comportamento à mesa, zelo, docilidade, adaptação a uma comunidade de trabalho, coragem, reflexão, prudência, etc. Ao conhecimento, principalmente: às noções referentes à vida, ao corpo, à saúde, ao vestuário, ao comércio e aos fenômenos naturais, ao conhecimento do homem e algumas ideias sobre política, à noção de geografia, de história, à técnica, etc. Às habilidades, tais como: de tipo corporal, corridas, vigor, dança; aptidões escolares, leitura, escrita, cálculo; aptidões técnicas, guiar automóvel, digitação; habilidades profissionais, construção, cozinhar, etc.

Por conseguinte, devem-se levar em conta as finalidades conscientes, em conjunto com as orientações e resultantes inconscientes, que agem como ambiente. Dessa forma, por exemplo, as crianças precisam possuir as qualidades, julgadas pelos adultos, necessárias para uma vida comunitariamente útil.

Mais que tudo, cabe ao humano a busca da *enteléquia* a partir do centro, ou seja, da própria natureza humana e dos seus valores universais. Em si, reconhecendo a sua condição, visando o *télos* e, de modo consciente, realizando as atividades previstas em sua finalidade.

Para Hubert, a objetividade desse processo de encontro da finalidade da educação humana está na formação do homem completo, desenvolvido, maduro, adulto, senil e justo. Nesse sentido, brota para a práxis educacional a aceção de personalidade, ou seja, a pessoa particular valorizada, atualizada em suas potências fundamentais. Tal termo corresponde tanto à natureza ontológica do homem (mais do que o conceito pessoa) como os seus valores (em sua inegável dignidade).

O autor permite a seguinte conclusão quanto à *enteléquia*, nesse sentido: “a tarefa que incumbe ao homem enquanto pessoa é desenvolver-se de acordo com a lei inscrita em seu íntimo, passando assim à maturidade da personalidade” (1970, p. 39). Atrelada à personalidade está um grau mais elevado de características de individualidade e irrepetibilidade.

Por estes motivos, pode-se inferir: que a finalidade da educação num sentido mais restrito, é a personalidade em si, disposta e pronta a se tornar um homem perfeito; e, que a finalidade da educação no sentido mais amplo, é a própria personalidade perfeita, tendo assim a atualização de suas principais forças. Tal humano, na medida de suas forças e possibilidades participa da responsabilidade social, tornando-se digna de ser amada, por que é capaz de amar.

Nesse sentido, Henz organiza a seguinte proposição:

Por via de regra, o homem só chega a essa perfeita personalidade nos anos mais avançados, depois de uma longa luta contra o anônimo ‘a gente’ para chegar à ‘existência’, indo da atividade puramente exterior para a interioridade, descendo às profundezas e alicerces, alcançando a ‘individualização’, passando corajosamente pelas crises da vida (HENZ, 1970, p. 41).

‘Aprendendo a erguer-se depois da queda’, essa é uma máxima que resume de forma satisfatória a colocação a cima. O homem é educado tendo como finalidade a possibilidade de, tanto individual quanto coletivamente, erguer-se após as quedas. A personalidade aperfeiçoa-se pela aceitação dos golpes e dons de sua condição. Pelo heroísmo do discreto cumprimento do dever e pela silenciosa realização de pequeninas tarefas por amor e misericórdia na vida cotidiana.

2 O *logos* (λογος) como ponto de acesso da finalidade da educação (εντελεχεια) com a educação

Na relação da finalidade (εντελεχεια) da educação e a condição do humano, Hubert atenta que existe a necessidade de um ponto de acesso, do qual, uma parte se relaciona com a outra, nesse caso tal parte é o *logos* (λογος³), a palavra, o espírito, a verdade. E, a partir dessa promoção é possível a formação humana.

Um exemplo desse processo: o professor perante seus alunos tem a intensão de ensinar determinado conteúdo, os alunos, por sua vez, estão ansiosos para ouvir seu mestre e compreenderem tal ensinamento. No entanto, existe a barreira material que impede que somente com uma boa intensão de ambas as partes o conhecimento seja obtido. Nesse caso, o professor lança mão de atribuições sonoras, previamente postuladas por meio de uma educação, para procurar expressar tal conteúdo, de forma, a fazer os alunos apreenderem a informação. Tais atribuições sonoras são as palavras, frases, premissas, conclusões, o *logos*.

De fato, até no modo mais corriqueiro de falar, a formação se identifica com a formação do espírito, ou seja, com o preparo do espírito que acontece pela linguagem.

Porém, Henz alerta para uma realidade de que, assumindo essa condição da palavra no processo de educação, pode-se cair em um mero verbalismo, abandonando a intuição necessária às crianças. Mas nesse caso o *logos* não corresponde com a verdade que ele mesmo o é. O ensino e a instrução constituem os meios de se transmitir o *logos* ou a verdade.

³ *λογος* (*logos*): A partir de uma orientação do próprio autor, Hubert Henz, observa-se o *logos* como sendo o espírito e verdade, ou seja, não se pode confundir a palavras com o espírito que a engendra. O *logos* será primariamente reconhecido pela clareza da palavra e adequação do falado com o seu ser. O espírito se encontra por natureza com a verdade (1970, p. 49 – 53).

Henz observa que, educação em sua prática deve visar a sua finalidade, à maturidade do educando, uma determinada individualização, o estímulo e, por suma, a harmonia entre meios, métodos e estilos para com a finalidade.

Considerações finais

Levando-se em conta o estudo da finalidade da educação (*τελος* e *εντελεχεια*), na qual a condição humana está entrelaçada, é possível, a partir da obra de Hubert Henz atentar para a práxis de tal esquema.

No início o autor faz menção à realidade que são supremas (Deus) às quais ele atribui a finalidade mais elevada (*τελος*). Tal explicação se faz necessária partindo do ponto em que parece, pelos fatos, que o fim da atitude de educar não se esgota apenas em educar um determinado sujeito, mas, ela parece transcender a tal realidade, tanto que Henz elucida que é mister que os mais velhos eduquem os mais novos. No entanto, a atividade do mais velho não se esgota no ato de educar o mais novo em determinado valor, mas sim, alude que esse mais novo eduque outros e, estes, por sua vez, a outros.

Contudo, o próprio autor salienta que tal atitude pode vir a se tornar um mero verbalismo, ou seja, o mais velho apenas transmitiria determinada informação ao mais novo, sem exigir deste uma atividade intelectual capaz de perceber o esquema de princípios utilizados na justificação de determinado valor, não o permitindo, por conta própria, formular novas acepções intelectuais.

Para a resolução deste impasse, Henz, passa a descrever uma finalidade imanente, mas que, indispensavelmente, traga em seu bojo a teleologia, elencando a enteléquia do intelecto humano, ou seja, a capacidade de uma realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade da natureza humana. Por exemplo: tendo em vista saciar uma fome repentina, instrui-se a criança de que ela deve, nessa situação, pedir comida e não um convite a um jogo.

Nesse interim, surge o termo personalidade, na qual a educação tem inferência imediata, ou seja, na práxis da educação a pessoa é tomada individualmente para que lhe sejam atualizadas suas potencialidades que estão predispostas no ser. Para o autor, o termo personalidade corresponde à natureza ontológica do homem mais do que o conceito ‘pessoa’, com os seus valores, isto é, com sua dignidade.

A educação, na continuidade do pensamento de Hubert Henz, está no âmago da personalidade da pessoa humana. Ela perpassa a vida do sujeito desde seu nascimento até instantes antes de sua morte, o homem está em um constante ‘educar-se’ diariamente.

Analisando essa hipótese na práxis do sistema educacional, observa-se a possibilidade de o homem deparar-se com disciplinas que visam ‘fazer o homem saber o que notar’ diante de tamanha oferta de informações. Tal é o papel da filosofia, fazer perceber as coisas como elas realmente são, como tão bem elucida Hubert, ou seja, notar ideias básicas na existência humana, essa é a ação filosófica como tal: homens pensando. Nesse sentido, muito bem se apresenta Mortimer J. Adler:

Nós sabemos qual a aparência de um laboratório científico. Nós sabemos qual a aparência de uma casa de Deus ou uma Igreja. Nós sabemos que as pessoas vão para lá para rezar e adorar e que nas ocasiões solenes da vida, casamentos e funerais, elas procuram a ajuda de Deus. Sabemos que em um laboratório existem aparatos, instrumentação, e que uma pesquisa está sendo conduzida ali. E sabemos quais são os usos daquilo que é produzido em um laboratório científico. Mas estou bem certo de que muitas pessoas que andam perto do prédio Hanson, na altura do número 2090 da Jackson Street, em São Francisco, e veem a placa “Instituto de Pesquisa Filosófica”, não imaginam o que está acontecendo ali. Por que a filosofia não é institucionalizada; pessoas não possuem nenhuma manifestação visível do que os filósofos fazem ou do uso da filosofia (ADLER, 2013, p. 504).

No mesmo esquema se enquadra a educação. Pragmaticamente, diríamos que a educação não tem como finalidade uma mudança ou libertação social e, uma incidência de necessidade de uma ação visando uma futura confortável estagnação cognitiva. E, nesse caso, não se perceberia, por exemplo, como se aprende a aprender. Com todas as quedas que tal busca gera, com todas as dificuldades, porém, visando o aperfeiçoamento pela aceitação dos golpes e dons de sua condição.

Referências

ADLER, Mortimer J. **Como pensar sobre grandes ideias**. São Paulo: Editora É Realizações. 2013. (Coleção Educação Clássica).

_____. DOREN, Charles Van. **Como ler livros**. O guia clássico para a leitura inteligente. Tradução de Edward H. Wolff e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações. 2010. (Coleção Educação Clássica).

GRÜNDEL, Johannes. **Os dez mandamentos na educação**. Para pais e educadores. Tradução de Frei Ludovico Gomes de Castro. Petrópolis: Vozes, 1977.

HENZ, Hubert. **Manual de pedagogia sistemática**. Pedagogia geral e diferencial. Introdução aos métodos de pesquisa pedagógica. Tradução de Dr. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Herder, 1970.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. v. 2. Barcelona: Alianza Diccionarios, 1986.

_____. _____. v. 4. Barcelona: Alianza Diccionarios, 1986.

WONSOVICZ, Silvio. **Crianças, adolescentes e jovens também filosofam**. Florianópolis: Sophos, 2005. (Coleção Conhecer para projetar o futuro).